

Para pôr termo ao inconveniente apontado, seria aconselhável determinar:

- 1) Fica terminantemente proibido, nos educandários oficiais e equiparados, expor, nas exposições anuais ou outras que o Departamento de Educação ordenar, trabalhos que não tenham sido feitos pelos alunos, em aula.
- 2) Cada trabalho terá a data da sua confecção, o ano do curso e a assinatura do aluno.
- 3) Haverá rigorosamente separação (possivelmente em salas diferentes) dos trabalhos de cada curso elementar, complementar, fundamental e normal.
- 4) Os contraventores serão severamente punidos.

Saúde e fraternidade. Elpídio Barbosa, diretor do Departamento de Educação.

Circular n. 125 — Florianópolis, 26 de dezembro de 1942.

Aos senhores diretores de estabelecimentos de ensino.

Assunto: CLASSIFICAÇÃO DE ALUNOS.

Dou, abaixo, proposta de inspetor de grupos escolares e cursos complementares e que foi aprovada:

“Quanto aos exames finais há ainda divergências se o aluno no quadro dos exames é classificado pela nota que alcança no exame final, ou se é a média das suas classificações alcançadas durante o ano nas provas mensais. Opino que seja feito pela média das classificações alcançadas durante o ano pois desta maneira vê-se como o aluno entrou no exame final: fraco, médio ou forte, e como agora foi classificado; se tem o direito ao exame de verificação ou não; se a classificação do professor foi judiciosa e se correspondeu aos trabalhos durante o ano. Além disso a classificação final é desnecessária, pois já está expressa pela nota que o aluno alcançou neste exame. Desta maneira também se pode deixar toda a ata do exame pronta para o dia do exame, só faltando o preenchimento das notas e do termo de encerramento. Tudo isso não poderá ser feito se a nota do aluno alcançada no exame final, o classifica, visto os alunos serem colocados na ordem alfabética, sendo primeiro todos os tardos, depois os médios e finalmente os fortes. Além disso não se poderia fazer o estudo comparativo do trabalho dos alunos durante o ano e o resultado no exame final, além de outras desvantagens.”

Saúde e fraternidade. Elpídio Barbosa, diretor do Departamento de Educação.

Circular n. 126 — Florianópolis, 26 de dezembro de 1942.

Aos senhores diretores de estabelecimentos de ensino.

Assunto: BIBLIOTECA PARA O DOCENTE.

Transcreve sugestão de inspetor de grupos escolares e cursos complementares:

“Das Bibliotecas pedagógicas dos docentes

Acho aconselhável que seja organizada em cada grupo escolar uma biblioteca pedagógica dos professores, a fim de facilitar a elaboração de planos de aulas, comunicados e realização das reuniões pedagógicas. Proponho tal porque é impossível os professores terem tal biblioteca própria, por se tornar excessivamente cara uma biblioteca nas condições necessárias para tais fins. Torna-se necessário, neste caso, que o Departamento de Educação dê, de vez em quando, aos grupos, relações de obras aconselháveis. Para a aquisição de tais livros convinha os professores descontarem de seus vencimentos dois a três cruzeiros, mensalmente. Desta maneira os professores sempre encontrariam em cada grupo uma biblioteca para as suas consultas.”

Saúde e fraternidade. Elpídio Barbosa, diretor do Departamento de Educação.

Circular n. 127 — Florianópolis, 26 de dezembro de 1942.

Aos senhores diretores de estabelecimentos de ensino.

Assunto: DIVISÃO DO PROGRAMA.

Dou, abaixo, por cópia, sugestão de inspetor de grupos escolares e cursos complementares, aprovada por este Departamento:

“Plano de trabalho do professor — divisão do programa

No início do ano letivo o professor deve consignar aproximadamente o mês de fevereiro ou mais tardar até 15 de março para a recapitulação do programa de ensino da classe antecedente. Desta época em diante é imprescindível a organização de um plano geral de trabalho, a divisão do período letivo em etapas mensais, consignada uma determinada parte do programa e que deverá ser realizada nos diversos períodos de tempo, a fim de evitar os grandes inconvenientes que os primeiros pontos sejam explicados com todas as minúcias e os últimos só repassados ligeiramente, ou que o professor em julho esteja com o programa esgotado, mas faltando aos alunos a compreensão do essencial, só porque o professor se apressou demais. O espaço de 15 de outubro até 15 de novembro poderá ser consignado para a recapitulação da matéria dada, fazendo uma síntese do trabalho anual.”

Saúde e fraternidade. Elpídio Barbosa, diretor do Departamento de Educação.

Circular n. 128 — Florianópolis, 26 de dezembro de 1942.

Aos senhores diretores de estabelecimentos de ensino.

Assunto: AUTOCRÍTICA DO PROFESSOR.

Transcrevo sugestão de inspetor de grupos escolares e cursos complementares, aprovada por este Departamento.

“Autocrítica do professor

Acho conveniente que, após a aula dada, o próprio professor repasse na sua

memória todo o trabalho realizado e faça a sua autocritica, a-fim-de certificar-se pelos fatos, se a aula foi bem dada e procurar a causa de certos inconvenientes ocorridos durante a mesma: a) cheguei a interessar todos os alunos da classe com o assunto da aula? b) dei ocupação a todos os alunos durante as mesmas? c) iniciei o trabalho, partindo da experiência dos alunos, concatenando estes conhecimentos com os que pretendi ensinar, ligando a aula ao meio ambiente? d) houve indisciplina? (pois na maioria dos casos o professor é responsável pelas indisciplinas, por defeitos de sua aula) — fui demasiadamente extenso? — empreguei uma linguagem além do alcance dos alunos? — fui suficientemente claro nas explicações? — exigí a cooperação da classe? — falei demais, não dando tempo aos alunos à colaboração na solução das dificuldades? — houve animação durante a aula (mas ainda liberdade disciplinada?) — não passei do limite do tempo consignado para a aula? — motivei bem os assuntos? — as minhas perguntas foram bem feitas? — considerei bem as respostas dos alunos? — foi correta e clara a linguagem dos mesmos? e) cheguei a alcançar o fim desejado?

Desta maneira um professor consciencioso pode mui facilmente corrigir e sanar muitos defeitos nas suas aulas futuras.”
Saúde e fraternidade. Elpídio Barbosa, diretor do Departamento de Educação.

Circular n. 129 — Florianópolis, 26 de dezembro de 1942.

Aos senhores diretores de estabelecimentos de ensino.

Assunto: AULAS ASSISTIDAS E MINISTRADAS.

Dou, abaixo, proposta de inspetor de grupos escolares e cursos complementares, aprovada por este Departamento:

“Das aulas assistidas e ministradas pelos diretores

Pelos planos de aulas organizados, os professores, em geral, só tratam de matérias de sua preferência pessoal, porisso, acho conveniente que os senhores diretores, por intermédio das aulas assistidas, procurem conhecer os pontos fracos dos professores no ensino, e então organizem um plano de ação bem definido, para que, por um trabalho bem orientado, possam sanar paulatinamente as falhas encontradas nas classes. Destas aulas ministradas pelo diretor, deve ficar registado o esboço em um livro especial, para que na inspeção do estabelecimento, se possa verificar a ação orientadora do diretor com referência ao ensino nas diversas classes. Tenho notado em alguns grupos que houve diretores que tinham registado as aulas que haviam dado nos quartos anos seccionados, na substituição de professores e de aulas de canto em conjunto, — julgo que tais aulas não devem figurar no quadro das aulas assistidas ou ministradas, pois não são de orientação pedagógica; porisso opino que só as aulas-modelo, dadas por um plano determinado e as assistidas com o fim de verificação, sejam registadas no respectivo quadro.”

Saúde e fraternidade. Elpídio Barbosa, diretor do Departamento de Educação.

Circular n. 130 — Florianópolis, 26 de dezembro de 1942.

Aos senhores diretores de estabelecimentos de ensino.

Assunto: PLANOS DE AULA.

Dou, abaixo, sugestão de inspetor de grupos escolares e cursos complementares, aprovada por este Departamento:

“Dos planos de aula

Senhor Diretor, tomo a liberdade de dar uma sugestão a respeito dos planos de aula, é o seguinte: O plano de aula preestabelecido, com todo o desenvolvimento da aula, que seja o retrato fiel (não esboço) de uma aula, ser muito minucioso e prever tudo, inclusive as respostas dos alunos, ou as perguntas destes. Neste caso cometemos, a meu vêr, êrros pedagógicos, pelos seguinte motivos: 1º) o professor impossivelmente poderá prever as perguntas e respostas dos alunos; 2º) se o professor seguir à risca o seu plano fixo preestabelecido cerceia todas as atividades dos alunos e elimina o fator mais importante do interesse dos mesmos, e a aula não toma o seu curso livre e normal; 3º) a cooperação dos alunos na aula se reduz consideravelmente; 4º) o professor evita e corta toda a atividade que não estiver de acôrdo com o seu plano preestabelecido; 5º) o professor, raras vezes, alcança a resposta dos alunos que êle premeditou e que caiba na seu plano, — haverá, portanto, prejuizo de tempo e de trabalho; 6º) desta maneira ficará diminuída a cooperação dos alunos e a aula menos ativa e interessante para os alunos; 7º se o professor der curso normal à aula (a parperiência em inumeros casos — que não é mais a aula do plano preestabelecido; mas não era mais a aula do plano.

Por êsses motivos acima expostos, proponho o seguinte: que as aulas a serem dadas com planos, deviam ser primeiramente aludidas em linhas gerais na aula anterior, a-fim-de interessar os alunos e preparar o ambiente, ativando os mesmos para uma colaboração mais completa, trazendo o espírito já preparado e talvez até com certas experiências ou centros de interesse de casa ou do meio em que vivem. O professor, por seu turno, se prepara com antecedência com o material que acha necessário para o desenvolvimento do assunto e organiza um esboço da marcha a seguir, com os pontos-tópicos e necessário à explicação dos assuntos, a-fim-de que não se afaste da norma geral, para seguir e alcançar o ponto visado. Estes tópicos e as indicações dos diversos pontos a passar,

que deverão servir de guia, para que o professor não desvie do assunto central e que sirvam como motivo a aguçar a curiosidade dos alunos durante a aula. Da esta aula assim (ativamente) ligando a novidade a ensinar com o que os alunos já conhecem, ampliando estes conhecimentos e aproveitando, para tal, os centros de interesse trazidos pelos alunos e docentes, a aula será ativa e se tornará interessante mas não se esqueça o professor que não só é ele que deva falar e explicar, a classe também deve trabalhar e aprender a vencer as dificuldades. Como é de interesse desse Departamento saber como foi dada a aula, para isso é conveniente que o professor faça um relato fiel de toda ela, com perguntas e respostas, e, enfim, um retrato fiel da aula dada, seguindo então as normas indicadas atualmente em uso.”

Saúde e fraternidade. **Elpídio Barbosa**, diretor do Departamento de Educação.

Circular n. 131 — Florianópolis, 26 de dezembro de 1942.

Aos senhores diretores de estabelecimentos de ensino.

Assunto: ASSOCIAÇÕES ESCOLARES.

Dou, abaixo, proposta de inspetor de grupos escolares e cursos complementares, aprovada por este Departamento:

“Quanto a estas encontrei alguns grupos, onde se tinha compreendido bem a finalidade destas instituições, eram trabalhos interessantes, não digo perfeitos, mas que apresentavam grande parte do tempo do corpo docente, porém, ao meu ver, tudo isto é inútil, pois não se via neles o trabalho infantil e sim quasi exclusividade do professor, ou então que havia tanta correção ou reforma que desaparecia o trabalho dos discípulos, — os professores se esqueciam que deviam ser só os orientadores, ou que deviam aguçar a atividade dos associados. É uma acepção, em geral, errada de — muitos docentes julgarem ser essencial a perfeição, a pesar de eu ter sempre salientado que valia muito mais um trabalho com certas imperfeições, mas que seja do aluno, — do que um perfeito em que o professor seja o principal autor.

A fim de evitar os constantes roubos, — como aconteceu neste ano letivo em diversos grupos escolares, porque muitos diretores e professores deixaram dinheiro das associações nas gavetas ou armários, atraindo, porisso, os gatunos, proponho, por isso, que sejam avisados os diretores dos grupos escolares ou professores encarregados da guarda do dinheiro, proibindo, terminantemente, deixarem dinheiro no estabelecimento, responsabilizando-os inteiramente por qualquer prejuizo que houver neste sentido. Que o material escolar da Caixa Escolar e da Cooperativa deve ficar em armário fechado a chave.”

Saúde e fraternidade. **Elpídio Barbosa**, diretor do Departamento de Educação.

Circular n. 132 — Florianópolis, 26 de dezembro de 1942.

Aos senhores inspetores escolares e diretores de estabelecimentos de ensino.

Assunto: GRATIFICAÇÃO, DURANTE AS FÉRIAS, PELO CURSO DESDOBRADO.

Para os devidos fins, dou, abaixo, representação deste Departamento e a resposta da Secretaria da Justiça, Educação e Saúde (ofício n. 5 068 — 449, de 23 de dezembro de 1942):

“O diretor do Grupo Escolar “Professor Davi do Amaral”, da cidade de Aranguá, consultou em telegrama se o Professor de Escola Isolada percebe a gratificação correspondente ao curso desdobrado durante as férias. A consulta do diretor deve referir-se a professor complementarista efetivo e professor admitido como extranumerário mensalista. Submeto a consulta à consideração de V. Excia”.

“Tomando conhecimento da consulta constante do ofício em referência, respondendo que o professor de escola isolada percebe, durante as férias, a gratificação correspondente ao curso desdobrado, mesmo tratando-se de professor complementarista efetivo e professor admitido como extranumerário mensalista. Saudações cordiais. (a.) **Ivo d’Aquino**, Secretário da Justiça, Educação e Saúde.”

Saúde e fraternidade. **Elpídio Barbosa**, diretor do Departamento de Educação.

Circular n. 133 — Florianópolis, 26 de dezembro de 1942.

Aos senhores diretores de estabelecimentos de ensino.

Assunto: CAIXAS ESCOLARES.

Para os devidos fins, dou, abaixo, ofício do inspetor de grupos escolares e cursos complementares, professor Adriano Mosimann, com o qual o Departamento está de pleno acôrdo:

“Respondendo o vosso ofício acima mencionado, transcrevo, na íntegra, a sugestão de inspetor escolar, que me remetestes, acrescentando-lhe o meu desprezencioso parecer. Eis a sugestão:

“As Caixas Escolares foram organizadas em todos os grupos, de acôrdo com a legislação em vigor. Algumas há, porém, cuja arrecadação é insuficiente para atender ao grande número de alunos, digo, de crianças beneficiadas. Em alguns estabelecimentos notei que tanto diretores como professores não sabem, pedagogicamente, atender aos alunos pobres. Em geral, a distribuição de material didático, roupas e “lanches” na hora de recreio, são feitos publicamente, o que desperta a atenção dos mais abastados e fere o “ego” das crianças pobres, as quais pouco a pouco vão adquirindo um “complexo de inferioridade” e se habituem, mais tarde, a pedir esmolas. Tenho mesmo encontrado, em pontos de parada de ônibus, alunos, com uniforme do grupo, solicitando o óbulo dos viajantes, etc. Outros, também paupérrimos, mas com justo respeito humano, recusam-